

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Protecionismo inteligente

ISAIAS RAW

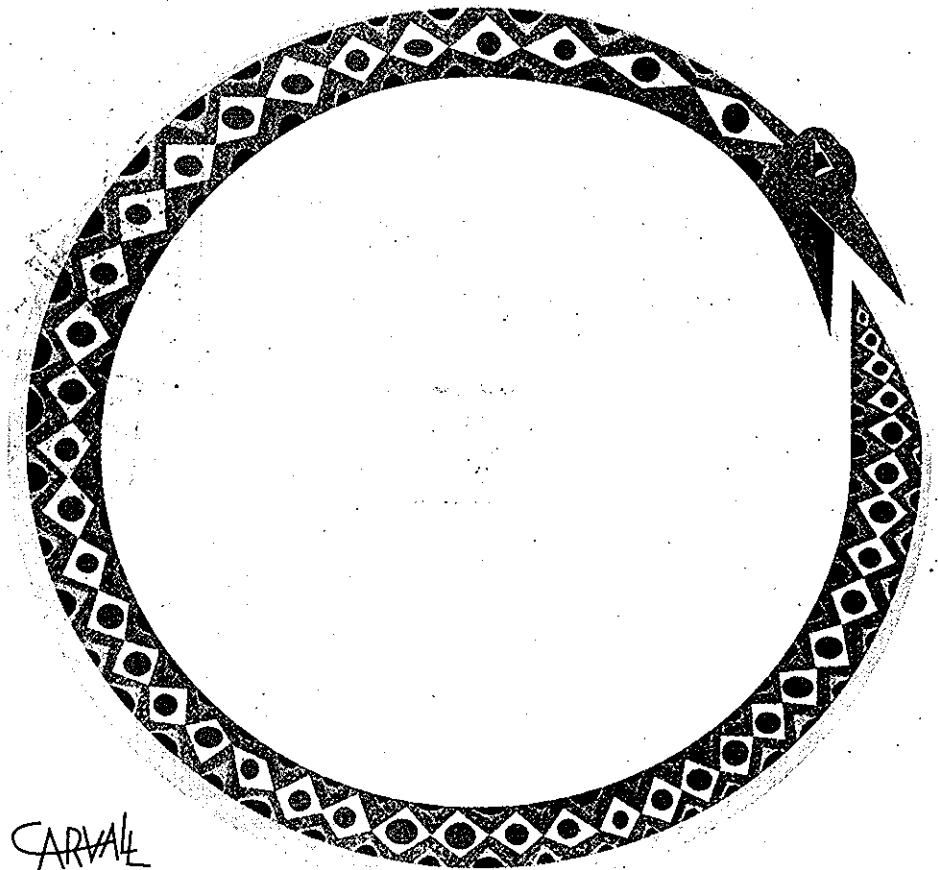
Thomas Lovejoy, biólogo da Smithsonian Institution, autor de artigo recentemente publicado pela Folha (pág. 1-3, 18 de janeiro), é um velho explorador da biodiversidade amazônica.

Em 1993, o governo do Estado do Amazonas lançou a primeira iniciativa de preservar a biodiversidade da região, acoplada à pesquisa para seu aproveitamento. Fui um dos criadores da Fundação para a Conservação da Biodiversidade da Amazônia. Lovejoy, então subsecretário de Estado do Interior dos EUA, veio por conta própria à reunião do nosso conselho e propôs que desistíssemos de montar um laboratório para investigar a biodiversidade. Infelizmente, a FCBA não vingou.

No ano passado, uma nova iniciativa surgiu do Ministério do Meio Ambiente: o Proem (Programa Brasileiro de Ecologia Molecular para o Uso Sustentável da Amazônia). Esse programa, com o apoio de outras organizações oficiais, deverá estabelecer um laboratório para a pesquisa da biodiversidade, articulado com as universidades da região e os institutos de pesquisas do Centro-Sul por intermédio do Instituto Butantan. A iniciativa, que conta com apoio federal, é mais ameaçadora — e eis Lovejoy de volta à carga.

Com muita frequência, recebemos empresas estrangeiras, universidades e instituições científicas com quem mantemos contratos. Elas recorrem ao Butantan e a outros institutos, propondo acordos para colher e levar exemplares da nossa biodiversidade.

Foi assim que uma enorme multinacional propôs pagar US\$ 5.000 por 20 escorpiões. Por R\$ 20, poderiam comprá-los de meninos de rua —mas desejavam a declaração legal de que uma instituição oficial autorizara a retirada desses escorpiões, permitindo o uso de produtos criados com base nos compostos existentes nesses animais. Outra múltipla propôs, simplesmente, sair pela Mata Atlântica para colher amostras de mi-



croorganismos e fungos.

Todavia autorizar a transferência pura e simples das espécies, que é a proposta de Lovejoy, é como dar a chave do cofre de um banco sem saber seu conteúdo. Será que as empresas serão honestas ao informar sobre suas pesquisas? Garantirão a participação do Brasil nas patentes? O país não recebe nada da Wellcome pelo catropil, derivado de uma toxina da jararaca.

O Brasil não deve ser tratado como a Costa Rica, o Suriname ou a Guiana, de onde companhias privadas estão levando exemplares da flora e de microorganismos. Elas estimulam a simples catalogação das espécies pelo magro quadro de pesquisadores desses países. As pesquisas sobre a ação dos produtos da biodiversidade e a sua comercialização se darão nos países do Primeiro Mundo, que se tornarão ainda mais primeiro-mundistas em sua eco-

nomia.

O Brasil tem um bom quadro de pesquisadores, e a atividade nessa área cresce rapidamente. Não queremos ser meros fornecedores de biodiversidade, e sim participar da pesquisa.

Não pretendemos excluir cooperação científica ou capital de empresas estrangeiras —mas a pesquisa deve se fazer, no máximo possível, no Brasil. Estaremos, mais que garantindo nossos direitos, estimulando o desenvolvimento científico e tecnológico, que nos permitirá ser cada vez menos dependentes.

Devemos, sim, ser protecionistas —mas protecionistas inteligentes, proibindo a saída de amostras (até exemplares mortos que são coletados pelos museus, como o próprio Smithsonian, podem ser usados para “pescar” DNAs de interesse comercial). Estamos abertos para a colaboração científica e tecnológica; receberemos investimentos e teremos pesquisadores treinados para trabalhar no Brasil.

Isaias Raw, 70, é professor emérito da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) e presidente da Fundação Butantan. Foi diretor do Instituto Butantan (1992-97) e professor-visitante do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (1971-73) e da Universidade Harvard (1973-74), nos EUA.